
UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

SÉRIE: EVANGELHO E
ESPIRITISMO — 5



O EVANGELHO Como, porque e para que estudá-lo luz da Doutrina Espírita



"Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu
vos fiz, façais vós também."

JESUS — João 13:15

1981

SÉRIE: EVANGELHO E ESPIRITISMO – 5

**“Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu
vos fiz, façais vós também.”**

JESUS – João 13:15

DOCTRINA ESPÍRITA E EVANGELHO

“Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica.”

PAULO — I aos Coríntios 3:5 e 6

“Não vos disse Jesus tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor; Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? **QUISERA EU QUE DISPENSASSEM MAIS INTERESSE, MAIS FÉ ÀS LEITURAS EVANGÉLICAS.** Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. **VOSSOS MALES PROVÉM TODOS DO ABANDONO VOLUNTÁRIO A QUE VOTAIS ESSE RESUMO DAS LEIS DIVINAS. LEDE-LHE AS PÁGINAS CINTILANTES DO DEVOTAMENTO DE JESUS, E MEDITAI-AS.**”

“O Evangelho Segundo o Espiritismo” cap. XIII, item 12

“O Evangelho é o Sol da Imortalidade que o Espiritismo reflete, com sabedoria, para a atualidade do mundo.”

EMMANUEL — Vinha de Luz - Prefácio

ESQUEMA

- 1 – INTRODUÇÃO
- 2 – JESUS E AS REVELAÇÕES
 - 2.1 – Moisés e a Primeira Revelação
 - 2.2 – O Advento da Boa Nova
 - 2.3 – O Espiritismo – III Revelação
- 3 – O ESPIRITISMO – ASPECTOS DOUTRINÁRIOS
 - 3.1 – Allan Kardec – Obras Básicas
 - 3.2 – O Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita
 - 3.3 – Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita
- 4 – O ESPIRITISMO – CHAVE PARA A INTERPRETAÇÃO DA MENSAGEM DE JESUS
- 5 – ESTUDO E INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO
 - 5.1 – Bases para o Estudo do Evangelho à Luz da Doutrina Espírita
 - 5.2 – Evangelho, Norma de Conduta
 - 5.3 – Considerações sobre um Texto da Boa Nova
 - 5.4 – Esquema para o Estudo e Interpretação do Evangelho
 - 5.5 – Exemplos de Interpretação do Evangelho
- 6 – ALGUMAS INFORMAÇÕES PARA O ESTUDO DO EVANGELHO
 - 6.1 – Manuseio da Bíblia
 - 6.2 – Divisão da Bíblia – Capítulos, Versículos, Referências
- 7 – CONCLUSÃO
- 8 – BIBLIOGRAFIA

DOCTRINA ESPÍRITA E EVANGELHO

1 – INTRODUÇÃO

O Espiritismo, como Cristianismo Redivivo, nos faz compreender que necessitamos em regime de urgência da mensagem de Jesus, capaz de nos nortear com segurança na caminhada evolutiva.

“Ainda é para o estudo e a prática do Evangelho, em sua primitiva pureza, que tereis de voltar o vosso entendimento, se quiserdes salvar da destruição o patrimônio de conquistas grandiosas da vossa civilização.” (Emmanuel).

Embora tenha merecido a atenção de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores desde os primeiros instantes da Doutrina Espírita, com a edição de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, nota-se que são muitas as dificuldades com que grande número de pessoas se defronta na interpretação da Boa Nova de Jesus.

Para penetrarmos, objetivamente, nos enunciados do Evangelho, em sua simplicidade dos primeiros tempos, necessário se torna identificar o esforço incansável e paciente de Jesus em todo aprendizado espiritual do Planeta e conhecer a Doutrina Espírita que nos orienta, como a expressão maior da misericórdia do Criador, em nosso favor, nos dias que correm.

2 – JESUS E AS REVELAÇÕES

Examinando a presença constante de Jesus no processo evolutivo da Humanidade, relembremos o que nos têm informado os amigos espirituais: “até agora, a Humanidade recebeu a Grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo Redivivo, traz,

por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus Cristo, como o fundamento de toda luz e de toda sabedoria. É que, com o Amor, a Lei manifestou-se na Terra com o seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda Humanidade. A Justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, conseqüentemente, esclarece os seus divinos ensinamentos. Eis porque, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimes realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros." (Emmanuel).

2.1 – Moisés e a Primeira Revelação

Precedendo o advento do Evangelho e tendo Moisés como figura principal, vamos encontrar a primeira revelação nas páginas das Escrituras que apresentam registros indelévels da marcha espiritual da Humanidade, com narrativas extraordinárias de nossa própria experiência através dos séculos, preparando o coração do homem para receber a insuperável mensagem do Amor. Assim aprendemos, mais uma vez, com o nosso benfeitor Emmanuel: "no quadro de valores da educação religiosa das criaturas, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou como a fonte máter da revelação divina."

Nessa fase da evolução, a religião passa a atuar através da educação dos hábitos humanos a se depurarem no cadinho dos séculos, preparando a chegada do Cristo, o Governador Espiritual da Terra. "As idéias da Justiça e da solidariedade, dos deveres coletivos e individuais com a higiene do corpo e da mente atingem ampla divulgação. Os dez mandamentos, recebidos me-

diunicamente pelo profeta, brilham ainda hoje por alicerce de luz na edificação do direito, dentro da ordem social. A palavra da Esfera Superior gravava a lei de causa e efeito para o homem." (André Luiz).

2.2 – O Advento da Boa Nova

Com o advento da Boa Nova, revelando-nos o Amor em toda a sua grandeza, temos assinalada a maioridade das criaturas nos caminhos de nossa evolução. O Evangelho se caracteriza por construção interior, fundamentada no livre-arbítrio e na vontade firme da criatura.

"O Evangelho é o edifício da redenção das almas. Como tal devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do Divino Mestre no terreno definitivo do Espírito".

"O Velho Testamento é a revelação da Lei. O Novo é a revelação do Amor. O primeiro consubstancia as elevadas experiências dos homens de Deus que procuravam a visão verdadeira do Pai e de sua Casa de infinitas maravilhas. O Segundo representa a mensagem de Deus a todos os que O buscam no caminho do mundo." (Emmanuel).

"Moisés instalara o princípio da Justiça, coordenando a vida e influenciando-a de fora para dentro. Jesus inaugurou na Terra o princípio do Amor, a exteriorizar-se do coração, de dentro para fora, traçando-lhe a rota para Deus." (André Luiz).

2.3 – O Espiritismo – III Revelação

O século XIX traria novas claridades para o mundo, encaminhando-o para as reformas úteis e preciosas. A ciência nessa época desfere os vãos soberanos que a conduziram às culminân-

cias do século atual.

Decretada a maturidade espiritual da coletividade em evolução no planeta, novas luzes chegam ao campo terrestre marcando o advento da III Revelação. A Allan Kardec caberia a laboriosa e abençoada tarefa de reunir as verdades reveladas, estruturando o corpo doutrinário do Espiritismo sob a assistência desvelada dos trabalhadores da Seara de Jesus.

3 – O ESPIRITISMO – ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa, competindo-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas.

3.1 – Allan Kardec – Obras Básicas

Hippolyte Léon Denizard Rivail, o codificador do Espiritismo, nasceu em Lion, a 3 de outubro de 1804.

Fez seus primeiros estudos em sua terra natal e completou-os na Suíça, onde, de discípulo se tornou em colaborador da obra de Pestalozzi.

Bacharel em Letras e em Ciências, conhecia e falava fluentemente o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o holandês. Casou-se em Paris, em 1832, com a professora Amélia Gabriela Boudet.

Editou inúmeras obras didáticas que tiveram grande aceitação, sendo adotadas na própria Universidade de França. Foi professor de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Vendendo suas obras abundantemente e graças ao seu assíduo trabalho, conseguiu modesta abastança. De 1854 a 1856, no entanto, resolveu tudo abandonar para cumprir a missão que lhe fora atribuída, qual seja, a de estudar, classificar e codificar os ensinamentos da

III Revelação.

Numa ocasião, seu Espírito Protetor comunicou-lhe tê-lo conhecido em uma precedente existência, ao tempo dos Druidas, quando viveram juntos nas Gálias, época em que se chamava Allan Kardec.

Assinando esse nome, editou em 18 de abril de 1857, "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", resultado dos seus primeiros esforços na missão que então abraçara. O aparecimento do Espiritismo, como doutrina codificada, data, portanto, da publicação desta primeira obra.

Complementando os alicerces doutrinários da III Revelação seguiram: "O Livro dos Médiuns", publicado em janeiro de 1861, tratando da parte experimental e científica da Doutrina; "O Evangelho Segundo o Espiritismo", cuidando da parte moral e religiosa, em abril de 1864; "O Céu e o Inferno", ou "A Justiça Divina segundo o Espiritismo," foi publicado em agosto de 1865 e "A Gênese" – Os "Milagres e as Predições," obra que, sob o aspecto científico é uma síntese das anteriores, foi publicada em 1868.

Em janeiro de 1858 iniciou a publicação ininterrupta da Revista Espírita e fundou em 1º de abril do mesmo ano, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Realizou inúmeras viagens, visando a propagação da Doutrina dos Espíritos. Possuindo uma vontade férrea, era um trabalhador infatigável. Respondia à numerosa correspondência que lhe era dirigida de todas as partes do mundo, atendia à direção da Revista Espírita, à organização do Espiritismo e ao preparo de suas obras. Esse excesso físico e intelectual esgotou-lhe o organismo e, repetidas vezes, os Espíritos precisaram chamá-lo à ordem a fim de obrigá-lo a poupar a saúde.

Estava a braços com os inúmeros labores doutrinários, quando, em 31 de março de 1869, a doença de coração que o

minava surdamente pôs termo à sua robusta constituição, restituindo-o à Pátria Espiritual.

3.2 – O Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita

Elegendo a fé raciocinada como fator básico da evolução consciente, a Doutrina Espírita se expressa no tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, proporcionando-nos segura orientação e clareando-nos a mente no rumo das legítimas conquistas espirituais. “Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém a religião é o ângulo divino que a liga ao céu. Nos seus aspectos científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem para a grandeza do seu imenso futuro espiritual”. (Emmanuel).

3.3 – Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita

- | | |
|--------------------|---|
| 1 – Deus | 9 – Pluralidade dos mundos habitados |
| 2 – Jesus | 10 – Imortalidade da alma |
| 3 – Espírito | 11 – Vida futura |
| 4 – Perispírito | 12 – Plano espiritual |
| 5 – Evolução | 13 – Mediunidade |
| 6 – Livre-arbítrio | 14 – Influência dos Espíritos na nossa vida |
| 7 – Causa e efeito | 15 – Ação dos Espíritos na natureza |
| 8 – Reencarnação | |

1 – Deus: “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. (O Livro dos Espíritos, pergunta 1). “Eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom”. (LE 13).

2 – Jesus: “Guia e modelo mais perfeito para o homem”. (LE 625)

3 – Espírito: “Ser inteligente da criação”. (LE 76). “Criado simples e ignorante”. (LE 115).

4 – Perispírito: “Substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao espírito e liga a alma ao corpo.” (LE 135, item 3º). “Tem a forma que o espírito queira”. (LE 95).

5 – Evolução: “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada”. (LE 114).

6 – Livre-arbítrio: “O homem tem a liberdade de pensar e de agir. Sem o livre-arbítrio, ele seria máquina.” (LE 843).

7 – Causa e efeito: “Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. A punição é o resultado da infração da lei.” (LE 964).

8 – Reencarnação: “consiste em admitir para o espírito muitas existências sucessivas”. (LE 171). “Para expiação e melhoramento progressivo da humanidade. Sem isto, onde a justiça?” (LE 167).

9 – Pluralidade dos mundos habitados: “São habitados todos os globos que se movem no espaço e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição”. (LE 55).

10 – Imortalidade da alma: “A existência dos Espíritos não tem fim”. “É tudo o que podemos, por agora, dizer”. (LE 83).

11 – Vida futura: “O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens”. “A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte”. (LE 959).

12 – Plano espiritual: “No instante da morte, a alma volta a ser espírito, isto é, volta ao mundo dos espíritos, donde se apartara momentaneamente”. (LE 149). “Os espíritos estão por toda parte”. (LE 87).

13 – Mediunidade: “Faculdade inerente ao homem. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium”. (O Livro dos Médiuns, item 159 – Cap. XIV).

14 – Influência dos Espíritos na nossa vida: “Influem muito mais do que imaginais. A tal ponto que de ordinário são eles que vos dirigem.” (LE 459). “Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes”. (LE 87).

15 – Ação dos espíritos na natureza: “Deus não exerce ação direta sobre a matéria”. (LE 536). “Os espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução dos seus desígnios providenciais”. (LE 87).

4 – O ESPIRITISMO, CHAVE PARA A INTERPRETAÇÃO DA MENSAGEM DE JESUS

“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. JESUS – João 14:26.

“Se o Cristo não pode desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino, deve entender-se no sentido de explicar e desenvolver, não no de ajuntar-lhe verdades novas porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a CHAVE para se apreender o sentido das palavras”. (Gênese).

“Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até disparatados, por falta da CHAVE que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa CHAVE está completa no Espiritismo...” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – Introdução I).

“O Espiritismo é a CHAVE com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo I, item 5).

“Jesus é a porta. Kardec, a CHAVE”. (Emmanuel – Opinião Espírita, capítulo 2).

Os grifos são nossos.

5 – ESTUDO E INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO

5.1 – Bases para o Estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita

a) Extrair o Espírito da Letra

Ao estudar o Evangelho, incumbe-nos separar a exposição puramente literal (de entendimento relativo e às vezes controlado) do sentido espiritual que oferece conclusões lógicas à nossa perquirição. Se apegados à letra, poderemos ser conduzidos a caminhos complicados e conclusões totalmente ininteligíveis e até mesmo contrárias aos ensinamentos messiânicos.

“Jesus, porém, disse-lhe: Segue-me, e deixa aos mortos sepultarem os seus mortos”. (Mt. 8:22). – Repugna-nos, pelo senso natural de caridade, a idéia de deixarmos de dar a bênção da sepultura a um corpo. Cadáver não pode enterrar cadáver. Logo não é a esse que Jesus se referiu, mas aos mortos espirituais que não se despertaram ainda para o trabalho consciente da realização íntima.

“O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita;

as palavras que eu vos disse são Espírito e Vida". (João 6:63).

b) Situar-nos na Mensagem, para Exemplificá-la

A nossa localização no seio das narrativas evangélicas, escoimada de interesses pessoais e dosada da vontade de aprender, supera o sentido puramente histórico da mensagem do Cristo e nos conduz ao esforço concreto no plano da renovação espiritual, porque nos facilita o raciocínio e entendimento pela assimilação da insuperável mensagem cristã agora compreendida e sentida à luz da Doutrina Espírita.

"E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó estava um cego assentado junto do caminho, mendigando; e, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo; e disseram-lhe que Jesus Nazareno passava". (Lucas 18:35 a 37).

No exemplo acima identificamos várias posições susceptíveis de espelhar a nossa posição atual. "Chegando ele (Jesus) perto de Jericó..." qualquer criatura que se propõe ao esforço auto-educativo terá que manter incessante atividade renovadora, a iniciar-se em seu próprio espírito e a estender-se ao campo de ação no bem de todos. Evidentemente não nos sentimos capazes de ocupar a posição do Cristo em sua constante movimentação construtiva — *chegando, partindo, continuando, parando para atender, curando, levantando-se*, etc, mas necessitamos reconhecer que somente pela aplicação dessas atitudes que expressam ação construtiva e não simples movimento, *conseguiremos quebrar as algemas da inércia e do desinteresse que nos prendem ainda ao sofrimento*.

"Um cego assentado junto do caminho, mendigando" — Se Jesus é a mais viva expressão de realização e atividade no bem, que ainda não nos capacitamos para imitar, nos é mais lógico e natural tomar a posição do cego que vivia de esmola e da caridade dos transeuntes, demonstrando perfeitamente as nossas

dificuldades de visão no campo da alma. Admitindo essa circunstância, que se dá com a maioria das criaturas, quem sabe nos anímemos a movimentar as reservas mínimas de boa vontade e decisão que possamos colocar a serviço de nossa cura, tal qual o cego que, reconhecendo o próprio estado de necessidade, se aventurou a perguntar o que era aquilo e, reunindo o que de melhor possuía, pediu Jesus que lhe desse condições de ver?

“E ouvindo passar a multidão...” — Se a posição do cego não é a ideal, ainda que demonstre consciência do que carece, não muito tranqüila é a nossa colocação entre os integrantes da multidão. Quantas vezes, até mesmo como espíritos, cômicos já de nossas necessidades, ainda integramos impensadamente a multidão, indecisa, sem posição definida: a mesma massa que reprimia o cego para que não importunasse Jesus, em sua passagem, passou a dar louvores a Deus quando viu este mesmo cego curado.

“Disseram-lhe que Jesus Nazareno passava...” — Ainda em meio a nossa indiferença identificamos emoções, fatos e circunstâncias a nos encaminham para o bem e que poderão ser aproveitadas se incrementadas e positivamente dirigidas. É a posição ou a cooperação mínima, porém, eficiente daqueles que anonimamente disseram-lhe que Jesus Nazareno passava...

E nós, temos dado esta notícia com eficiência aos que nos buscam sequiosos de uma orientação cristã?

c) Outras Considerações

O estudo do Evangelho pode ser conduzido de modo a apresentar interessantes aspectos, mediante a aplicação dos princípios fundamentais do Espiritismo e das normas aqui apresentadas à guisa de sugestão.

Necessário também considerarmos que todos os fatos ou ensinamentos, embora se revistam de características históricas

inerentes ao tempo em que ocorreram, se expressam, num sentido atual, oferecendo aos homens nas várias épocas de sua evolução, recursos efetivos para o seu progresso espiritual.

Na apreciação de uma passagem do Novo Testamento podemos perceber conceitos de ordem geral, e, seguindo para uma verificação mais particularizada, encontraremos orientação num só versículo, numa determinada expressão e mesmo numa só palavra. É imperioso identificar as características de que se revestem as expressões e as palavras, avaliando o seu sentido literal e daí retirar as conseqüências espirituais. Lugar, cargos e funções, circunstâncias, gestos, atitudes, pessoas, verbos (de modo especial tempo, pessoa e modo) são termos que possuem sua mensagem intrínseca e que não podem passar despercebidos por aquele que estuda o Evangelho.

Lugar — época (aspectos geográficos e históricos) — o conhecimento dos fatos históricos e posições geográficas nos auxiliam bastante na interpretação do Evangelho, proporcionando-nos um entendimento da essência espiritual de suas várias passagens.

“E respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores...” (Lucas 10:30) — Na análise da parábola do Bom Samaritano muito se exalta a figura daquele que, considerado herege, por ser de Samaria fez pelo homem que fora assaltado o que outros religiosos não se dispuseram a realizar. O início da parábola acima lembrando oferece, por si só, consoante a sabedoria profunda do Mestre, ensinamentos valiosos. Examinando as expressões que identificam pontos geográficos “Jerusalém” e “Jericó”, muito podemos aprender: *Jerusalém* — centro de cogitações religiosas e espirituais, onde se erguia o templo de Salomão. Todos nós, *espiritualmente* concebendo, caminhamos para Jerusalém, não a terrena, mas a que se constitui na meta de nossos esforços. *Jericó* — cidade, próxima de Jerusalém. Célebre por seu intenso movi-

mento comercial, campo de interesses puramente materiais e transitórios. Plano de sensações imediatistas que devemos abandonar em nosso labor de aquisições eternas. Tida hoje como uma das mais antigas edificações humanas. Cercada por muralhas praticamente intransponíveis.

O homem assaltado "*descia*" de Jerusalém para Jericó. Apresentava-se como podemos deduzir, em estado de queda, à cata de aventuras em planos vibratórios que praticamente já havia superado em sua evolução para o Alto. Na parábola, o Mestre não nos mostra apenas a disposição de servir do samaritano, também evidencia o perigo em que incorremos, quando invigilantes, descemos do plano de relativo entendimento que já conquistamos para o campo de ações menos edificantes, sujeitando-nos ao assédio das forças inferiores.

Cargos e funções — Reveste-se também de importância o conhecimento acerca de cargos e funções na elucidação da mensagem de Jesus.

"E o centurião, respondendo disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo de meu telhado, mas dize somente uma palavra e o meu criado sarará". (Mateus 8:8) — As deduções de natureza espiritual deste trecho se dilatam quando percebemos que um *centurião*, oficial romano e, por isso mesmo, não identificado com os conhecimentos e condições inerentes ao povo judeu, pede em favor de outrem; não para um familiar ou amigo, mas para um criado. Além disso, as deduções que fez, com base em suas atividades normais, não se prendendo às normas, convicções e tradições judaicas, nos mostram como é simples e natural o entendimento das coisas de Deus, quando vibra em nosso ser a vontade de ver, escutar, sentir e servir com simplicidade, humildade e amor, como o centurião testemunhou. A observação cuidadosa das funções e dos cargos mencionados pelos evangelistas, tais como publicanos, príncipe dos sacerdotes, procurador, pescador e outros, proporcionará, como vimos, maior amplitu-

de à compreensão da mensagem.

Circunstâncias — “E Jesus, chamando os seus discípulos, disse: tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias, e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho. E os seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão?” (Mateus 15:32 e 33).

Na apreciação desta passagem relacionada com a multiplicação dos pães, notamos que o fator “*circunstância*” sobressai na narrativa de Mateus. Pelo fato de haver fome, Jesus pôde gravar para os discípulos e para todos nós, que procuramos aprender os seus ensinamentos, maravilhosa lição. Assim, enquanto o Senhor procurava recursos para solução e aplicação de medidas concretas para sanar as necessidades do momento, os discípulos apenas enxergavam barreiras e problemas, interrogando: “donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão?”

5.2 — Evangelho, Norma de Conduta

Todas as expressões da Boa Nova, assimilada em seu verdadeiro sentido, poderão nos conduzir à renovação espiritual, mas, para tanto, é indispensável bom senso e lógica no seu estudo e interpretação.

Assim, é imperioso observar se temos buscado entender o Evangelho e nos adaptar aos seus ensinamentos (renovando sentimentos, pensamentos, palavras e atos) ou se, ao contrário, vimos procurando adaptar os seus enunciados aos nossos caprichos ou interesses transitórios. Não podemos nos esquecer de que o Evangelho sentido e assimilado é, sobretudo, reforma de conduta, transformando corações para o bem e não, como pretendem muitos (valendo-se da letra), ponto de apoio para justificar atitudes duvidosas, polêmicas, que de modo algum edificam.

“Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele isso é que contamina o homem”. (Marcos 7:15) — A interpretação literal desse versículo bem poderia homologar tendências ao desregramento, aos vícios e exageros de toda espécie, uma vez que “nada há fora do homem que o possa contaminar...”.

Os preceitos do Cristo, no entanto, são muito claros. Suas recomendações, segundo nos confirma o Espiritismo, nos conclamam à ponderação, à disciplina, ao método e ao equilíbrio. Assim, concluímos, sem dificuldade, que ao invés de endossar excessos de qualquer espécie, o Mestre nos alerta que todo o mal de que nos julgamos vítimas, todos os problemas, tentações que nos assolam, não se originam no exterior, mas têm suas raízes em nossas próprias imperfeições a se exteriorizarem e se constituírem na fonte de toda sorte de males que nos acometem.

5.3 — Considerações sobre um Texto da Boa Nova

“E (Jesus), entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco à multidão. — E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar. — E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado, toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre tua palavra, lançarei a rede. — E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede”. (Lucas 5:3 a 6).

Sentido geral — A leitura desse fato evidencia alguns pontos de relevante interesse. Sem muito esforço podemos observar temas gerais como: fé, obediência, trabalho, ensino, aprendizagem... que poderiam ser desenvolvidos em nossa meditação ou preparo para apresentação de nosso estudo.

Sentido particular — Encaminhando-nos para o particular,

encontramos, isoladamente, subsídios amplos e valiosos. Vejamos: "E respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sobre tua palavra, lançarei a rede". Informados, através da Doutrina Espírita, acerca da lei de evolução, do livre-arbítrio e da lei de causa e efeito, não nos será difícil extrair das atitudes do Apóstolo oportunos apontamentos. O trabalho a que se refere Simão, até àquela hora, não havia oferecido os frutos que se esperavam porque foram realizados "à noite", em meio às trevas da ignorância e da incompreensão às quais ainda se vinculam os nossos espíritos. A noite caracteriza-se por ausência de luz. Noite em que têm preponderado o nosso eu inferior, as imperfeições e a vaidade. Essa será a nossa situação até que nos disponhamos a receber as claridades do Evangelho. No entanto, não basta que sintonizemos a luz, é imperioso adotarmos resolutamente atitudes renovadoras, reconhecendo nossa pequenez, do mesmo modo que Pedro se propôs a lançar as redes numa aplicação consciente daquilo que pudera assimilar de Jesus, pouco antes, quando este falara do barco do apóstolo à multidão.

Ao compararmos as duas condições distintas de trabalho, antes e após o conhecimento da mensagem do Cristo, o estudo desse versículo nos conduz ao entendimento de uma das expressões mais evidentes de fé consciente, fundamentada na lógica dos enunciados de Jesus, inspirando o apóstolo a se expressar assim: "mas *sobre* tua palavra lançarei a rede".

Expressões — No mesmo trecho citado localizamos no versículo 3 a citação: "pediu-lhe que o afastasse (o barco) um pouco da terra". Simão, como pescador, detinha o barco como instrumento de seu trabalho. Nas várias posições em que somos colocados na vida, retemos, também, recursos de ação no plano que nos é próprio. Iniciando-se no ambiente do lar e estendendo-se no trabalho, nas relações, facilidades, profissão, capacidade de falar, de ouvir ou de agir, identificamos também em nós e

em nossa volta os instrumentos que nos foram outorgados e que se renovam continuamente no decurso de nossa jornada através do "mar" da vida. À medida que nos dedicamos aos conhecimentos espirituais, mais se acentua a necessidade de colocarmos tais valores à disposição do trabalho do Cristo. Para isso, cabe-nos tão-somente atender ao seu pedido: "afastá-lo um pouco da terra", ou seja, das cogitações puramente transitórias para que as autênticas expressões de espiritualidade, que partem das esferas mais altas, encontrem circulação em cada um de nós, clareando-nos os caminhos e favorecendo o entendimento da mensagem de Jesus que também busca falar aos que nos cercam através dos recursos de que somos aquinhoados. O afastamento não pode ser demasiado para que não se percam as possibilidades de ajuda a quantos possam, por nosso intermédio, ser beneficiados pela bondade do Criador, conforme se deduz da colocação de Jesus: "afastar *um pouco* da terra".

Palavras — Já mencionamos anteriormente a importância de cada palavra no estudo e interpretação do Evangelho. Vejamos, por exemplo, no trecho em estudo, o verbo "lançai" (imperativo) constante do versículo "4", aplicado por Jesus, e o mesmo verbo, no futuro, "lançarei" dito por Simão. Esclarecidos pelas verdades da Doutrina Espírita, percebemos que o Evangelho concita-nos também a lançar a nossa rede. Lançar é agir, movimentar. Não há condições de vida consciente sem que estejamos aplicando todas as nossas possibilidades em busca ou na construção de alguma coisa. Incumbe, pois, a cada um acionar tais valores sob a inspiração do Cristo, porque, se o esclarecimento ou informação nos auxiliam de fora para dentro, cada ação edificante é um passo efetivo no esforço evolutivo a iniciarse no campo íntimo de cada um. No mesmo trecho podemos ainda destacar: *barco*, instrumento de trabalho de Simão, que trouxe aos nossos dias a idéia de nossa *posição*, com todos os va-

lores que reunimos em trânsito pelo mar da vida, e que também pode ser utilizada por Jesus, desde que saibamos aderir ao trabalho do Amor no caminho do progresso incessante; "redes", "peixes", "colheram" e outras ali contidas, são palavras também portadoras de muitas idéias a nos convocarem ao esforço de renovação com o Cristo.

5.4 – Esquema para o Estudo e Interpretação do Evangelho

Como sugestão, apresentamos, a seguir, um esquema simples, elaborado com a finalidade de auxiliar o estudo e a interpretação do Evangelho, com a possibilidade de avaliação do maior número possível de elementos contidos nos textos:

ESQUEMA

VERIFICAR no texto em estudo:·

- a) o seu sentido geral;
- b) o sentido particular de cada versículo, expressões, palavras... evidenciando:
 - DEUS
 - JESUS e
 - demais criaturas, tendo em conta: situação humana, condição espiritual e aspectos evolutivos,

SITUANDO-NOS dentro de cada lição.

EXPRESSÕES ou **PALAVRAS ISOLADAS** indicadoras de:

- lugar (e aspectos geográficos);
- ambiente (físico ou psíquico);
- época (e aspectos históricos);

- tempo (dia, hora, circunstâncias);
- atitudes e gestos;
- ação;
- demais termos, observado o seu sentido no texto.

5.5 – Exemplos de Interpretação do Evangelho

a) Interpretação de Jesus

A Parábola do Semeador (Marcos 4:3 a 9 e de 14 a 20)

A Parábola	A Interpretação de Jesus
3. Ouvei: Eis que o sementeiro saiu a semear;	14. O que semeia, semeia a palavra;
4. E aconteceu que, semeando ele, uma parte da semente caiu junto do caminho, e vieram as aves do céu, e a comeram;	15. E os que estão junto do caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações.
5. E outra caiu sobre pedregais, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque não tinha terra profunda;	16. E da mesma sorte os que recebem a semente sobre pedregais; os quais, ouvindo a palavra, logo com prazer a recebem;
6. Mas, saindo o sol, queimou-se; e, porque não tinha raiz, secou-se.	17. Mas não têm raiz em si mesmos, antes são temporários; depois sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.
7. E outra caiu entre espinhos; e, crescendo os espinhos, a sufocaram e não deu fruto.	18. E outros são os que recebem a semente entre espinhos, os quais ouvem a palavra;

8. E outra caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu; e um produziu trinta, outro sessenta, e outro cem.
9. E disse-lhes: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.
19. Mas os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas e as ambições doutras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera.
20. E os que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra e a recebem, e dão frutos, um a trinta, outro a sessenta, outro a cem, por um.

b) Interpretação de Allan Kardec

A Figueira que Secou (Marcos 11:12 a 14 e de 11:20 a 23)

“A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez . . .

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XIX, itens 8 e 9).

c) Interpretação de Emmanuel

“E ele (Jesus) lhes disse: Lançai a rede para a banda direita do barco, e achareis.” (João 21:6).

– O ESPÍRITO HUMANO - “pescador” dos valores evolutivos, na escola regeneradora da Terra.

– O BARCO - a posição de cada um.

– REDE - de interesses.

– BANDA DIREITA - da verdadeira justiça.

(Caminho, Verdade e Vida - Capítulo 21).

Observação: A propósito, sugerimos o estudo das seguintes obras de Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier: "Caminho, Verdade e Vida"; "Pão Nosso"; "Vinha de Luz"; "Fonte Viva"; "Livro da Esperança"; "Palavras de Vida Eterna"; "Segue-me"; "Bênção de Paz" e "Ceifa de Luz", todas em torno do Evangelho.

6 – ALGUMAS INFORMAÇÕES PARA O ESTUDO DO EVANGELHO

6.1 – Manuseio da Bíblia

A Bíblia se divide em:

- Velho Testamento (V.T.) e
- Novo Testamento (N.T.).

VELHO TESTAMENTO

- Leis, profecias, história e sabedoria.

NOVO TESTAMENTO

- 4 Evangelhos - de Mateus (Mt.), Marcos (Mc.), Lucas (Lc.) e João (Jo.).
- Atos ou Atos dos Apóstolos (Lucas).
- 21 Epístolas ou Cartas - de Paulo (14), Tiago (1), Pedro (2), João (3) e Judas (1).
- Apocalipse ou Revelação (João).

6.2 – Divisão da Bíblia - Capítulos, Versículos, Referências

Os livros que compõem a Bíblia se dividem em capítulos e versículos. Os capítulos são textos maiores, os quais se subdividem em pequenos trechos numerados seqüencialmente a fim de facilitar sua consulta e estudo. O número de capítulos dentro de

cada livro ou evangelista varia, bem como, a quantidade de versículos dentro de cada um dos capítulos. Recorrendo-se, pois, ao Evangelho de Mateus, vamos verificar estar ele dividido em 28 capítulos e que o seu capítulo nº 9 possui 38 versículos.

Normalmente a indicação de um trecho do Evangelho é feita na seguinte ordem: nome do livro, capítulo e versículo.

Marcos 10:4, expressa: Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículo 4.

Algumas traduções inserem referências após o título do capítulo, indicando que este assunto está repetido em outro livro da Bíblia, exemplo: A Vocação de Mateus (Mt. 9:9 a 13), é também relatada em Marcos 2:14 a 17 e Lucas 5:27 a 32.

Outras versões apresentam também o sistema de referências de assuntos que se relacionam. Estas referências são feitas mediante a inscrição de pequenos números no desenvolvimento da narrativa, aos quais correspondem outros números iguais, colocados, normalmente ao pé da página seguidos da indicação de outros livros da Bíblia e respectivos versículos que tratam do mesmo assunto.

Da versão bíblica de João Ferreira de Almeida, edição da Imprensa Bíblica Brasileira, retiramos os exemplos abaixo:

“Seja, porém, o vosso falar: (33) Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna.” JESUS — Mt. 5:37. Ao pé da página, procurando o número 33, localizamos: Colossenses 4:6: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um”. E temos ainda Tiago 5:12: “Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento, mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não,

não; para que não caiais em condenação". Como se vê, ambas referências guardam profundas vinculações ao contido em Mateus 5:37.

Outro exemplo:

"E eles lhe disseram: Em Belém de Judéia; porque assim está escrito pelo profeta: E tu, Belém, (4) terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel". Mt. 2:5 e 6.

Eis as referências:

"E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade". Miquéias 5:2.

"Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi, e de Belém, da aldeia donde era Davi?" – JESUS – João 7:42.

7 – CONCLUSÃO

Partindo de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" que traça uma diretriz segura para o estudo da Boa Nova, em espírito e verdade, sabemos que a mensagem de Jesus não comporta apenas leituras ou comentários de superfície. Necessita ser apreendida, assimilada e acima de tudo vivida.

Assim, por exercer valiosa ação no plano de higienização psíquica de nosso campo mental, e por se constituir em divino recurso de revolvimento de nossos mais profundos sentimentos de realização no Bem, no trabalho reeducativo, torna-se imperioso que o Evangelho esteja sempre presente em todo o esforço que objetiva a libertação espiritual da criatura.

E, dirigindo os nossos esforços para a Doutrina Espírita, aquele Consolador Prometido que, segundo as palavras de

Jesus, nos "ensinará todas as coisas e nos fará lembrar de tudo quanto Ele nos disse", verificamos, sem sombra de dúvida, já que eleger a fé raciocinada, capaz de encarar de frente a razão, ser ela o instrumento que canaliza ao nosso entendimento, a mensagem do Cristo pura e cristalina em sua simplicidade dos primeiros tempos. Por isso, se torna imperioso, para qualquer êxito na assimilação do conteúdo da Boa Nova, o estudo dos postulados espíritas em todos os seus aspectos, para que possa se constituir, efetivamente, no veículo capaz de nos favorecer a assimilação plena e lógica da palavra de Jesus.

E, alertando-nos para os seus valores imortais, assim se expressa Emmanuel sobre o Evangelho de Jesus: "é o roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência . . .". "Espera o Cristo venhamos converter-lhe o Evangelho de Amor e Sabedoria em companheiro da prece, em livro escolar no aprendizado de cada dia, em fonte inspiradora de nossas mais humildes ações no trabalho comum e em código de boas maneiras no intercâmbio fraternal".

8 – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Velho e Novo Testamentos

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Idem

O Livro dos Médiuns – Idem

A Gênese (Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo) – Idem

Emmanuel – Emmanuel (Psicografia de Francisco Cândido Xavier)

O Consolador – Idem

A Caminho da Luz – Idem

Caminho, Verdade e Vida – Idem

Opinião Espírita – Idem

Evolução em Dois Mundos – André Luiz (Psicografia de Francisco Cândido Xavier).

